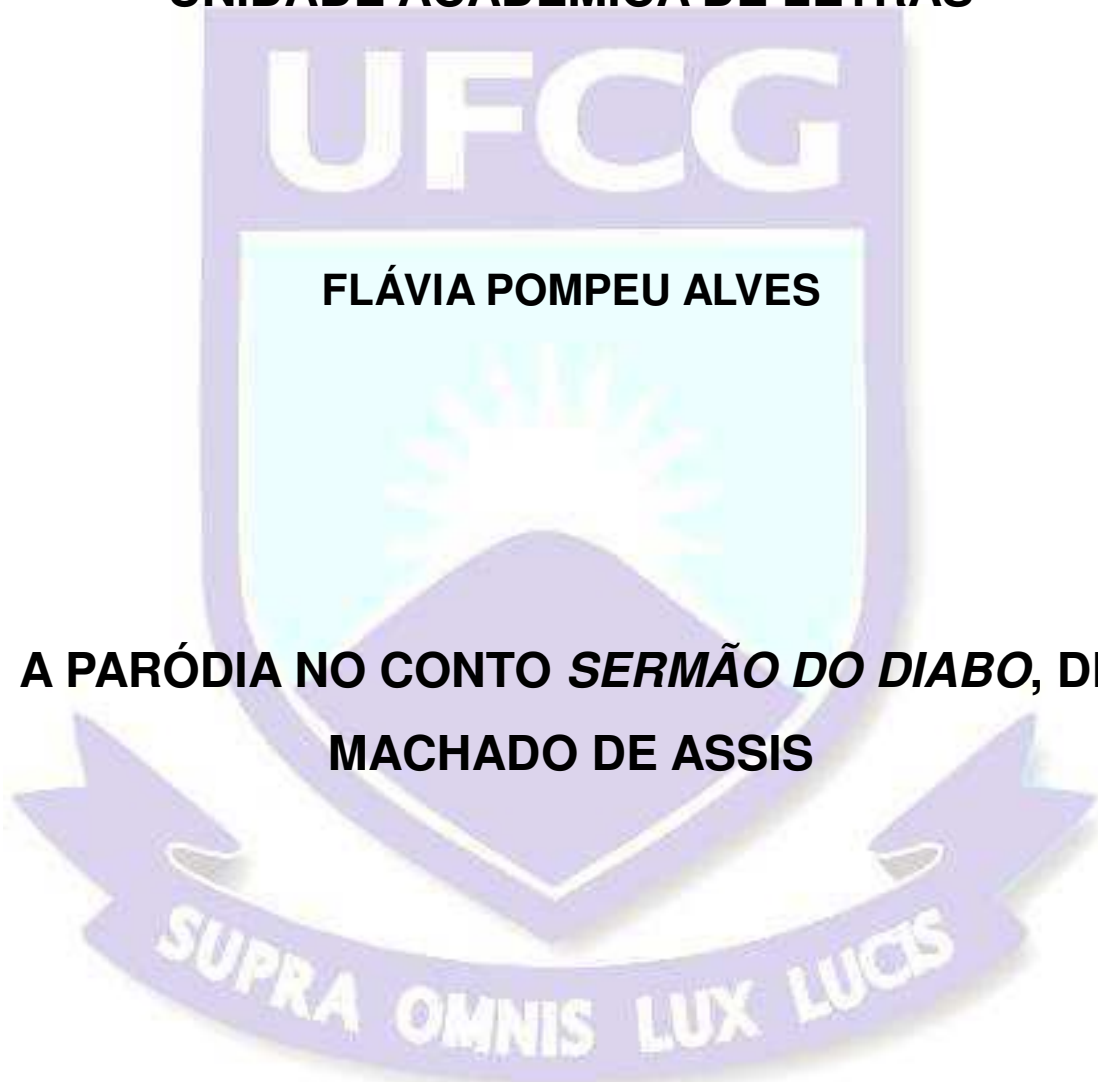


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**



**A PARÓDIA NO CONTO *SERMÃO DO DIABO*, DE
MACHADO DE ASSIS**

Campina Grande

2013

FLÁVIA POMPEU ALVES

**A PARÓDIA NO CONTO *SERMÃO DO DIABO*, DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras, da Unidade Acadêmica de Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

Campina Grande

2013

FLÁVIA POMPEU ALVES

**A PARÓDIA NO CONTO *SERMÃO DO DIABO*, DE
MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Federal de Campina Grande
como um dos pré-requisitos para obtenção do
grau de Licenciado em Letras: Língua
Portuguesa e Literatura Brasileira.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves
Orientador - UFCG

Prof. Dr. José Mário da Silva
Examinador - UFCG

A Deus, pelo dom de existir, pelo dom da perseverança e por fazer de mim um ser, realmente, humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que ele me proporciona.

Agradeço ao meu pai, Luiz Anísio Alves que nitidamente expressa a felicidade e o orgulho de me ver formada e a minha mãe, Maria da Salete, por ser um exemplo de mulher descrito por Adélia Prado, desdobrável.

À minha irmã Cláudia por ser minha segunda mãe, ao meu irmão Sérgio por ser um humano admirável, à minha irmã Sílvia por me ensinar a ser paciente e ao meu cunhado Luatom que foi o principal motivador dessa conquista.

Aos meus sobrinhos Sergio Filho, Cecília e Ester por fazerem muitas vezes a literatura, que é a inspiração de Manoel de Barros, de desconstrução das palavras despertando em mim o riso mais puro.

Ao meu companheiro e amigo Fábio que me apoiou incondicionalmente para que esse trabalho se realizasse.

Quero agradecer a Literatura por despertar em mim tamanho sentimento de amor e ter me ajudado a ser cada vez mais humana.

Agradeço a todos os professores da UFCG que fizeram parte da minha formação nesta graduação em Letras, em especial aos de literatura. A professora Marta por tamanha serenidade e sabedoria, absorvida nas poucas, porém bem aproveitadas, experiências com que tivemos contato, no projeto PROLICEN (2010) e na disciplina de Prática de ensino II (2013).

Ao professor José Mario em que apesar de ter estudado apenas duas disciplinas com ele, pude perceber o símbolo de humildade e ajuda ao próximo, me ensinando mesmo nos momentos em que ele não planejava.

Agradeço ao professor José Helder que tive a sorte e a oportunidade de conhecê-lo no primeiro período do meu curso e desde então, se tornou referência para mim. Foi nas aulas dele que tive as minhas melhores reflexões e me tornei ainda mais apaixonada pela arte de ensinar, pois pude ver em olhos, sorrisos, gestos e falas, o amor que ele possuía em compartilhar o seu saber com seus alunos.

Aos professores de Língua Espanhola, Mizael Nascimento que me ensinou, dentre muitas coisas, a ter um olhar de pesquisador; Milena pelos bons momentos de aprendizado e pelo apoio como minha tutora no projeto do PROBEX; e Lorena pelo companheirismo e força, sempre me estimulando a crescer e buscar mais.

Agradeço à instituição Universidade Federal de Grande pela oportunidade de me fazer uma cidadã atuante, com um papel social importantíssimo que é o ser professora.

Às grandes figuras Marciano e Valdemar pela dedicação, ajuda, paciência e carinho que têm por nós, alunos de Letras.

Agradeço aos meus colegas e amigos de curso Hermano, Cáthia, Martha, Talita, Ana Jacqueline, Dayana, Theodora, Suellen e Michael que contribuíram grandemente à minha vida.

Às minhas amigas Mirela, Renata e Pollyanna, pela amizade sincera de uma vida toda.

Aos meus queridos alunos que me instigam a cada dia.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram nas mais variadas formas nesse meu processo de formação profissional e pessoal.

*“Se toda a literatura ocidental se perdesse
e restasse apenas o Sermão da Montanha,
nada se teria perdido”.*

Mahatma Gandhi

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo abordar o elemento paródico existente no conto “Sermão do Diabo” de Machado de Assis. Para tanto, o trabalho será pautado em uma análise comparativa entre o texto “Sermão do Diabo”, com o texto base, fonte de inspiração do elemento paródico, “O sermão da montanha”, texto bíblico escrito por Mateus, apóstolo de Jesus Cristo. Partindo da percepção de que a Literatura é a base para formação de cidadão crítico e a arte da vida humana, observaremos como o escritor lança mão de elementos da linguagem para a construção da paródia – retomando frases, palavras, utilizadas para criticar a sociedade da época. A metodologia dessa pesquisa é de cunho interpretativo, portanto ancorou-se nos estudos pautados por Cândido (2004); Teixeira (1988); Brayner (1979); Tavares (1991); Sant’Anna (2002); Aragão (1980); Josef (1988) e Kothe (1980); e Rodrigues (2006).

Palavras-chave: Conto. Paródia. Crítica. Sermão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Machado e suas peculiaridades	11
2.2 Paródia: contradição consciente	21
3. SERMÃO DO DIABO X O SERMÃO DA MONTANHA	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS	50

1. INTRODUÇÃO

A literatura contribui ativamente na formação humana, ela possibilita desenvolver leitores críticos, questionadores, autônomos em sua intelectualidade, sendo assim é, ainda, a representação do real é a arte da vida humana expressa em palavras. Através dela é possível compreendermos as relações humanas e o papel social que cada um possui diante da vida.

A arte, e, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972, p.53).

Ciente dessa importância e da contribuição que a literatura proporciona, o presente trabalho visa trazer uma abordagem crítico-reflexiva, por meio de uma análise interpretativa do conto “Sermão do Diabo”, do escritor brasileiro, Machado de Assis.

Embora seja um escritor consagrado sobre o qual se encontram inúmeros trabalhos de pesquisa acerca da sua obra, este projeto visa trazer uma nova abordagem, uma vez que, será realizada uma análise literária e comparativa entre o conto “O sermão do diabo”, e o texto bíblico “O sermão da montanha” (5;1-28), escrito por Mateus, apóstolo de Jesus Cristo.

A base da análise deste trabalho é pautada no modo como o escritor lança mão de elementos da linguagem para a construção de texto, com a retomada de frases, palavras, utilizando elementos paródicos que conotam uma ironia crítica, sobre padrões e comportamentos da sociedade capitalista carioca do século XIX.

Como base metodológica a pesquisa é pautada nos estudos sobre Machado Assis e características composicionais de sua obra, seguindo as linhas interpretativas de Candido (2004), Teixeira (1988) e Brayner (1979). Com contribuições sobre o gênero sermão, abordaremos as ideias de Tavares (1991). Sobre o elemento paródico nos fundamentamos em Sant’Anna (2002), Aragão (1980), Josef (1988) e Kothe (1980), bem como Rodrigues (2006) em contribuição com seu estudo sobre o conto em análise.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Machado e suas peculiaridades

Escritor renomado, Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839 a 1908) foi um grande escritor da Literatura brasileira, além de contista, jornalista, cronista e teatrólogo. Criado no morro do Livramento, era filho de Maria Leopoldina Machado de Assis, portuguesa açoriana, com Francisco José de Assis, operário, pintor de paredes e mulato. Ambos sabiam ler e escrever, situação rara para o nível econômico social que possuíam. Perdera sua mãe antes de completar dez anos. Aos quinze, seu pai contrai novos laços matrimoniais, casando-se com Maria Inês.¹

Em 12 de novembro de 1869, o poeta casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, portuguesa como sua mãe, e com ela não tem filhos. O casamento foi interrompido com a morte de sua esposa no ano de 1904 com quem vivera 35 anos. Estudou muito pouco em escolas formais, porém era autodidata e aprendeu o português, latim, francês, inglês, alemão e o grego clássico, sem nunca ter frequentado uma universidade. Começou a escrever em 1854 quando ainda tinha quinze anos, era o auge do Romantismo e todo mundo queria ser poeta. Parou de escrever em 1907, um ano antes de sua morte.²

Elegante por natureza, o autor era de fato uma rara exceção na sociedade brasileira. Mulato, de origem pobre, subiu na vida por méritos próprios. Foi respeitado por muitos e se tornou um dos maiores críticos da Literatura Brasileira. Nunca fora apadrinhado e nem precisou recorrer a ninguém para subir posições sociais. Não necessitou utilizar-se de recursos escusos para encontrar seu lugar na literatura ou na sociedade.³

Com uma obra rica e extensa Machado de Assis, como era conhecido, escreveu em praticamente todos os gêneros: poemas, romances, críticas, peças teatrais, mais de 200 contos, etc. Embora suas obras tenham sido escritas há alguns anos, o autor é considerado como se estivesse à frente do seu tempo e por tratar de comportamento humano sua obra se torna bastante atual.

¹ Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso em: 04 dez 2012.

² Idem.

³ Idem.

A história de vida de Machado de Assis, de acordo com a nossa visão cultural, como afirma Candido (2004, p. 15), é um tanto romântica, nos faz pensar que o escritor passou por muitos tormentos e momentos difíceis. Essas inferências são diretamente associadas quando sabemos que Machado de Assis provinha de origem humilde e por isso, teve uma carreira muito difícil, pois como já mencionado, não teve oportunidade de estudar em colégios formais. Além disso, ele tinha a pele escura, sofreu preconceitos e como se não bastasse, havia adquirido uma doença nervosa.

Toda essa visão mal interpretada acerca do autor em questão, foi reavaliada após os estudos realizados por Jean Michael Massa, nos quais afirma que a vida de Machado não fora tão árdua e nem seu sofrimento foi como o de muita gente.

Ainda segundo Candido (2004, p. 16), se analisarmos a carreira do escritor percebemos que desde cedo ele fora respeitado, independentemente de sua cor ou nível social. Aos cinquenta anos fora reconhecido como o maior escritor brasileiro. Raros escritores tiveram o privilégio de ser reconhecido em vida. Foi o fundador e o presidente da Academia Brasileira de Letras, posto que ocupou até sua morte. Era patriarcal no bom e no mau sentido da palavra, extremamente metódico, cheio de formalismos e em alguns momentos demonstrou atitudes mesquinhas.

Como a Academia dependia dele para a entrada de novos membros, o poeta chegou a barrar a entrada de grandes autores como, por exemplo, Emílio Menezes, por acreditar que este tinha certas posturas que fugiam aos padrões convencionais. Em oposição, chegou a nomear escritores como Mário de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo, por possuir uma relação estreita de afinidade. (Candido, 2004, p. 16)

Candido afirma ainda que Machado não fora exceção, pois homens de mesma cor e condição social como ele, também receberam títulos de nobreza e carregaram pastas ministeriais. Possuiu uma vida sem grandes aventuras, exceto o reconhecimento pelo seu trabalho que foi crescendo, fazendo dele um dos mais inteligentes escritores. Embora seja um autor de nível internacional, nos anos em que escrevera romances e contos, 1880 e 1900, não fazia sucesso fora do país por uma série de fatores, dentre elas o jogo político da época.

Ainda segundo Antonio Candido, atualmente, o autor venceu essas barreiras e hoje, é conhecido nos Estados Unidos, Inglaterra e em alguns países latino-americanos, pela “capacidade de sobreviver, isto é, de se adaptar ao espírito do tempo”, deixando para trás escritores como, Anatole France, Paul Bourget e Antônio Fogazzaro que fizeram carreira internacional na época do seu auge no Brasil, mas que hoje não

acrescentam nada para o nosso tempo. Como bem explica Candido, ao falar da característica atemporal de Machado de Assis: [...] “enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias que todos podiam ler.”.

Sobre a obra de Machado como um todo, Candido, faz a observação de que, diferente de outros escritores, ela possui uma “polivalência do verbo literário”, justificando o porquê de ser um dos autores mais estudados na atualidade e reforçando a ideia de que sua obra é atemporal.

Elas são grandes porque são extremamente ricas de significado, permitindo que cada grupo e cada época encontrem as suas obsessões e as suas necessidade de expressão. Por isso, as sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros foram encontrando diversos níveis em Machado de Assis, estimulando-o por motivos diversos e vendo nele um grande escritor devido a qualidades por vezes contraditórias. (CANDIDO, 2004, p. 18)

O autor destaca ainda, a grandiosidade da obra de Machado quando escrita na fase mais madura de sua vida, classificando-a como uma obra possuidora de uma “boa linguagem”, onde utilizava-se de um estilo refinado, de uma “ironia fina”, de uma força e de uma delicadeza fantástica, tudo ao mesmo tempo.

Machado de Assis, em seus contos e romances, criticava a sociedade brasileira de maneira sutil sem nunca ter sido desrespeitado, ao contrário, o seu público leitor sentia prazer em ler algo tão agradável, tão fino.

Num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida fisiológica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar. (CANDIDO, 2004, p. 19)

No início do século XX, Candido afirma que Machado era tido como o Anatole France⁴ brasileiro, pois ambos possuíam características semelhantes, no tocante a opinião culta e semiculta, seus escritos eram dotados de uma “elegância felina”, como também, “menos devassidão de espírito”.

Como um grande escritor que era, Machado de Assis despertou interesse nos críticos literários. Segundo Candido, o crítico Oliveira Lima fez um estudo na obra

⁴ Jacques Anatole François Thibault escritor francês de grande sucesso. Mundialmente conhecido por possuir, em suas obras, um tom cético.

do autor, ressaltando um Machado filosofante e castiço, o qual de uma maneira maquiada mostrava personagens movidos pela força de interesse. Já Alcides Maya, ao analisar a obra machadiana, frisou a ideia da ironia e o caráter do humor. Alfredo Pujol, voltou seus estudos para dois aspectos: o lado filosófico da obra de Machado e o tradicionalismo da sua vida. Graça Aranha, trabalhou com a teoria de ascensão de Machado que, mesmo tendo origem pobre, vindo do povo, chegou à aristocracia carioca.

Ainda segundo Candido (2004, p. 20), é a partir de 1930 com os críticos Lúcia Miguel Pereira, Augusto Meyer e Mário Matos, que é apresentada uma nova interpretação da obra machadiana, o viés psicológico, contribuindo com a reflexão de que para ler a obra de Machado de Assis, você deve deixar o convencionalismo de lado e querer enxergar o “homem subterrâneo” que havia na sociedade. Candido ressalta que Lúcia Miguel e Augusto Meyer em seus estudos destacaram: “... os fenômenos de ambiguidade que pululam na sua ficção, obrigando a uma leitura mais exigente, graças à qual a normalidade e o senso de conveniências constituem apenas o disfarce de um universo mais complicado e por vezes turvo.”

Na década de 40, os estudos críticos inclinaram-se para a filosofia e para a sociologia. Na filosofia destacou-se um “Machado de Assis, sem impurezas biográfica”, (CANDIDO, 2004, p. 21) principalmente o que se chamava de angústia existencial, na sociologia eram destacados os aspectos sociais da obra não centrando atenções apenas ao homem.

Segundo Candido, (2004, p. 20) outros críticos como Barreto Filho e Astrojildo Pereira, resistiram ao biografismo e ao psicologismo, ora acertando, ora errando. Pensando numa nova perspectiva voltando-se para um estudo da obra machadiana como um todo e não com o foco sobre o homem, destacam-se críticos como, Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel Pereira, Dirce Cortes Riedel e Roger Batisde.

Candido destaca, em seu texto, que os críticos gostam da obra de Machado de Assis, por ele não seguir padrões de moda dominante de sua época. Ele consegue tratar de assuntos da complexidade humana de maneira profunda, e o que é riquíssimo, de uma forma delicada, com muita ironia, porém uma ironia requintada, fina. E a define, também:

Muitos dos seus contos e alguns dos seus romances parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre entre os nossos contemporâneos. E o mais picante é o estilo guinado e algo precioso com que trabalha e que se de um lado pode

parecer acadêmico, de outro sem dúvida parece uma forma sutil de negaceio, como o narrador estivesse rindo um pouco do leitor. Estilo que mantém uma espécie de imparcialidade, que é a marca pessoal de Machado, fazendo parecer duplamente intensos os casos estranhos que apresenta com a moderação despreocupada. (CANDIDO, 2004 p. 22)

Ao longo dos vários estudos realizados por críticos, citados acima, incluindo Antonio Candido, sobre a obra machadiana foi possível, segundo o autor mencionado, fazer uma apresentação das ideias originais encontradas na grande obra de Machado, como a busca do ser, da identidade pessoal, do desdobramento de personalidade e os limites entre razão e loucura. A estreita relação entre o real e o imaginário e a ambiguidade de sentimentos, a escolha por certas atitudes, ou atos, de forma proposital que acaba prejudicando o homem, o tema da perfeição aparente e homem transformado em objeto de outro homem, o homem tratado como ser desprezível tal qual um animal.

Todas essas ideias, que revelam o “sentimento profundo da relatividade total dos atos, da impossibilidade de os conceituar adequadamente, dão lugar ao sentimento do absurdo, do ato sem origem e do juízo sem fundamento [...]”. (CANDIDO, 2004, p. 27) Porém, esse relativismo demonstra um aspecto social profundo. Seus personagens sempre estão envolvidos pelo aspecto financeiro, pelo lucro, pela ganância, pelo poder e pela falsa aparência demonstrada na vida social, onde as personagens mais frias e cruéis são encontradas na mais alta classe social, na corte burguesa, mascaradas de homens de bem.

Os gêneros mais importantes da obra machadiana, segundo Ivan Teixeira (1987, p. 57), são os contos e os romances, devido ao caráter problematizante e o nível de maturidade que as narrativas carregam. Nessas narrativas, Machado recria personagens da vida real abordando comportamentos psicológicos, morais e éticos do homem em sociedade, pretendendo defini-lo. Outro aspecto relevante é que nessas narrativas o problema não é exposto claramente e o final não apresenta uma conclusão cíclica, deixando um ar de dúvida, dando ao leitor a liberdade de interpretá-la.

Ainda segundo Teixeira, enquanto os romances *Iracema*, *A escrava Isaura*, *A moreninha*, *O Guarani*, surgidos anteriormente ao romance machadiano *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, abordavam o homem brasileiro em personagens com uma “absoluta unidade de caráter”, ou eram sempre más ou eram sempre boas, ligados à pátria e em harmonia com a natureza, Machado trazia, em seu livro citado acima, outra perspectiva.

Fugindo do tradicionalismo da época, abandonou a descrição da natureza e voltou-se para a análise do homem e não especificamente o brasileiro.

Suas personagens perderam a inteireza e uniformidade de caráter. A revolução machadiana desloca, radicalmente, o interesse do cenário e da ação para o íntimo das personagens. A peripécia e a paisagem, que era a tônica do nacionalismo romântico, são substituídos pela pesquisa da alma humana (traços psicológicos, éticos e morais). (CANDIDO, 2004, p.58)

Em seus romances e em seus contos, mais maduros, Machado buscava investigar o mundo interior de suas personagens, nas mínimas particularidades. Gostava de fazer uma análise detalhada sobre o sentimento do homem. Essa maneira exagerada de esmiuçar a particularidade do homem revelava um aspecto de crueldade, uma vez que expõe sentimentos ruins que o homem procura esconder. Como afirma Teixeira (1987, p. 59), ao citar a própria opinião de Machado “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”.

Ainda segundo Teixeira (1987, p. 59), alguns críticos tentam explicar a ideia, do autor, de desvendar o que estava invisível, associado-a ao distúrbio visual, miopia, que Machado de Assis sofria. Em que só é possível ver algo nítido se os olhos estiverem bem próximos do objeto, caso contrário à imagem é distorcida.

Outro aspecto que Teixeira (1987, p. 59) levanta, e é bastante relevante, é que apesar de sua obra ser um tanto cruel em revelar minúcias e deficiências da alma do homem, ele não faz julgamentos de seus personagens, “seus contos maduros nunca tiram conclusões condenatórias sobre as personagens.”

Outro ponto em que a obra de Machado diverge dos demais de sua época, é que no romântico romance “O Guarani”, o herói da estória arranca uma palmeira, a mão, com sua força para salvar a sua amada, porém não seria capaz de comunicar-se depois de morto. Machado de Assis em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, faz o inverso “inventou, no Brasil, um tipo de narrativa cuja lógica é inversa à da vida.” Seu personagem é incapaz de praticar um ato heroico, mas podia falar mesmo depois de morto, ou em vida, conversar com um pássaro, como no conto “Idéias de canário”, caracterizando assim “o realismo cômico – fantástico” que adquire uma forma livre, na qual suas narrativas são escritas como se não fossem romances e a maioria delas finge ser real, independentemente de estar inserida em um livro. (TEIXEIRA, 1987, p. 60)

Esse fingimento “é a essência da revolução machadiana”, pois ele cria personagens e estórias diferenciadas para cada tipo de texto. Sua obra, segundo Teixeira (1987, p. 60):

instaura uma nova ordem literária na língua portuguesa, a qual requer uma nova concepção de estilo, de enredo e de foco narrativo, uma nova maneira de construir personagens e uma nova visão de mundo. A novidade desses elementos, chamados elementos intrínsecos da obra literária, consiste principalmente na pluralidade de formas que podem assumir.

Segundo Teixeira (1987, p.61), Machado de Assis escrevera seus romances maduros entre 1880 e 1908, porém possuía estrutura do século XX. As narrativas de vanguarda surgidas no século XX, quase não apresentaram novidades estruturais as já existentes, de Machado. Uma dessas novidades estruturais que o autor possuía e que nunca fora superada, era o poder da síntese. Em seus romances, Machado prefere usar frases e capítulos curtos, produzindo o máximo de sentido com o mínimo de palavras. Para tanto, o autor fazia uso do:

princípio universal da poesia o qual consiste na seleção rigorosa dos vocábulos e situações. A verdadeira seleção poética exclui tudo o que não for experiência total e necessária entre artista, vida e palavras. Vem daí que o texto poético foge da nomeação pura e simples para se concentrar no uso espiritualizado das palavras. Assim é a frase machadiana. Ele a constrói como quem vive. Por isso vai nela um tanto de sensorialidade e outro tanto de cálculo. (TEIXEIRA, 1987, p. 61)

As narrativas machadianas são possuidoras, também, de uma brevidade aforística que consiste na construção de uma sentença que em poucas palavras coloca uma “verdade moral de grande alcance.”, tornando-se assim mais prático e decisivo. Essas sentenças muitas vezes são de complexa compreensão, por isso o entendimento pode passar despercebido em uma primeira leitura, mas depois de outras leituras e de várias reflexões, as ideias ficam mais claras. É o que afirma o crítico literário Teixeira. (1987, p. 63).

Ainda segundo o autor citado acima, nos romances maduros, Machado de Assis, aborda a temática da falsidade da vida depois do casamento, bem como a temática da traição, que está presente em todos os romances, abordada por perspectivas variadas.

Podemos citar como exemplo, o romance de “*Quincas Borba*” em que a falsidade aparece como forma de chantagem, bem como “*Dom Casmurro*” em que a tal

temática aparece como suspeita, em “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” a falsidade surge como adultério, em “*Esaú e Jacó*”, a discórdia dos irmãos que traem a esperança da mãe e em “*Memorial de Aires*” a falsidade aparece como renovação da vida em que os velhos se sobressaem em relação aos jovens por saber mais.

Essa temática de traição abordada pelo autor, surgia pelo modo realista como ele enxergava as relações humanas em que a maioria de suas personagens agiam em função de um interesse próprio, usando máscaras da representação de um ser humano possuidor de boas maneiras. Assim, diz Teixeira sobre as personagens (1987, p.63):

Elas são arrastadas pelo que poderíamos chamar de o instinto do privilégio, que é um refinamento do instinto de preservação, em virtude do qual a existência humana só ganha sentido na luta pela acumulação de vantagens. Mas o mais aflito é que tal luta se institucionaliza pela máscara das boas maneiras, cuja feição corriqueira é a hipocrisia, por via da qual se disciplinam a traição e a pilhagem.

Em uma obra baseada na filosofia do pessimismo e ceticismo, Machado tem como grande influencia, a filosofia defendida pelo alemão Arthur Schopenhauer o qual afirma que: “a essência do universo é a vontade ou o querer”. (TEIXEIRA, 1987, p. 76) Todas as personagens machadianas são pessoas maduras e aposentadas que passam a contemplar seu passado, ou observar, com soberania e quase desprezo, a vida das pessoas que se relacionam no presente. Como podemos ver:

Bento Santiago, de “*Dom Casmurro*”, é literalmente um contemplativo, para quem a dor atual se atenua na lembrança do passado; conselheiro Aires, narrador efetivo do “*Memorial*” e narrador virtual de “*Esaú e Jacó*”, logrou superar, pelo equilíbrio racional, toda a vontade e só se preocupa em entender as pessoas que o cercam. (TEIXEIRA, 1987, p. 77)

Teixeira afirma ainda que Machado era um schopenhaueriano pois, depois dos 40 anos, se tornou um ser mais contemplativo, mais observador “dotado da sabedoria do distanciamento”, e disto surge o caráter irônico do autor que influenciou na criação das suas personagens e o ajudou em sua vida social, conquistando o respeito dos contemporâneos de sua época.

Machado de Assis restringiu suas aspirações materiais ao mínimo necessário para poder criar com liberdade. Tendo podido ascender na hierarquia do dinheiro, limitou-se a ser um funcionário correto e honesto. Exerceu influência sobre diversas pessoas importantes na

época, sem jamais desejar que tal influência excedesse o plano das ideias sobre a arte. Igualmente à sua personagem Aires, Machado de Assis abdicou das paixões para melhor entender os efeitos delas sobre os homens. (TEIXEIRA, 1987, p. 77)

Outro aspecto relevante ressaltado por Teixeira, é quanto ao estilo do autor. Machado, consegue unir humor, paródia e ironia, primeiramente pelo poder de síntese que possuía em falar muito, dizendo pouco, e, por conseguinte, pelo modo ameno de dizer algo bastante grave, desprovido de qualquer tipo de julgamento, estando seu personagem certo ou errado. Machado utilizava-se desses elementos apenas como uma maneira de negar algo. Ainda em relação ao estilo, o escritor, em suas frases, utiliza-se da ambivalência, com toques maliciosos, e na maioria das vezes, com duplicidade semântica.

Para tornar mais dinâmico o discurso narrativo, Machado de Assis teve a ideia, moderna, do leitor incluso onde este participa da narrativa, em alguns casos, como protagonista possuindo “vida própria na ficção do texto: com gestos, fisionomia, e postura mental”. (TEIXEIRA, 1987, p. 81)

Teixeira (1987, p. 85), considera o escritor Machado de Assis como um autor cultivado, no sentido em que não escreve por uma inspiração, mas escreve com planejamento, de modo objetivo, não se baseando apenas pelo que via da vida, no tocante às percepções humanas, mas buscava observar modelos literários, embora não seguisse padrões de sua época, e buscava influências de autores “meio em desuso do século XIX”, que contribuíram direta e indiretamente em sua obra, como por exemplo, “*Prometeu acorrentado*” de Ésquilo, “*Eclesiastes*” bíblico, “*Viagem ao redor de meu quarto*” de Xavier de Maistre, “*Viagens na minha terra*” de Almeida Garrett, “*Tristan Shandy*” (1760-76) de Laurence Sterne.

De acordo com Brayner (1979, p. 104), Machado de Assis é um grande “intérprete da ironia”. A partir do final da década de setenta, Machado apresenta contos e romances de caráter irônico. Esta ironia estava voltada para a contradição humana em que se abordava em seus contos aspectos de oposições de comportamentos entre as pessoas da sociedade brasileira do século XIX.

Ainda segundo Brayner (1979, p. 104), em alguns de seus contos que abordavam a questão da conduta social, Machado fazia uso de elementos paródicos, criando um “discurso tensional”, cruzando contextos opostos gerando um alto grau de contradição.

A observação das relações entre a criação artística e o homem em um universo instável e dinâmico faz Machado de Assis viver a ironia em suas várias modalidades como a expressão genuína dos conflitos que reconhece intelectualmente serem contradições insolúveis. (BRAYNER, 1979, p. 104)

A aurora diz que a ironia machadiana é influenciada pelo humor dos ingleses, Sterne, Fielding, Thackeray, do século XVIII. Situações contrárias ao habitual, relacionadas a atitudes humanas geram um riso cético, comedido, um humor característico dos ingleses que não proporciona um caráter regenerador, pois é visto como algo negativo, uma vez que Machado constrói seu texto pautado no princípio da negatividade e da contradição humana. (BRAYNER, 1979, p. 105)

Sônia Brayner comenta, em seu texto, que desde cedo o romanesco apresenta tamanho interesse pelo uso do elemento paródico na criação de seus textos. Para tanto, como leitor, pesquisou por leituras antigas e modernas observando semelhanças e diferenças entre estilo e temática.

Essa atitude enquanto pesquisador, de buscar o conhecimento, gera dois aspectos importantes para sua obra, o primeiro é de que sua erudição torna-se incontestável e o segundo é a maneira como o autor faz uso da paródia para demonstrar sua insatisfação em repetir o modelo tradicional, sendo muitas vezes espectador e ator frente ao objeto de observação, aspecto dialógico permitido pela paródia, uma vez que esta “entrecruza vozes que se contradizem, se relativizam constituindo uma estrutura ambivalente e rebelde.” (BRAYNER, 1979, p. 105)

Com todo direcionamento de um texto paródico ficcional, Machado deixa registrada em sua obra, uma cópia fiel do momento vivido pela sociedade na época em que o realiza, utilizando estilos paródicos diversos desde o mais simples, como uma citação de um autor para embasar seu argumento, ao mais complexo criando discursos intencionalmente contraditórios e irônicos. É o que nos confirma a autora Brayner:

Tanto a ironia quanto a paródia, e sobremaneira esta última, dependem para sua ampla compreensão de “guias” fornecidos pelo contexto tais como o perfil do autor implícito como um homem irônico, ou a construção de artifícios na figura de um *alter-ego*, narrador caracterizado sócio-culturalmente e veiculador de um enunciado irônico ou paródico. (BRAYNER, 1979, p. 106)

A autora assegura que, para o reconhecimento do elemento paródico em um texto, é imprescindível que o leitor tenha conhecimento de obras e estilos literários antigos, já que o discurso será apresentado de maneira distorcida e totalmente oposto ao texto original.

Brayner (1979, p. 108) menciona, ainda, que Machado de Assis utiliza-se basicamente de três interesses paródicos na composição de sua obra: a característica de mímese por modelos de gêneros já existentes; o uso de linguagens específicas de determinadas áreas como, por exemplo, a área militar, médica, etc.; e características de personagens como a figura do filósofo, do bajulador, etc.

O grande interesse pelo uso do elemento paródico, pelo romancista, é o de desmascarar a falsa convenção que a sociedade adota, num aspecto questionador sobre o ser humano. “Machado satiriza através da paródia a distância que se institui entre a *persona* e o ser, entre a aparência cristalizada pela conveniência social e a mudança.” Brayner (1979, p. 114).

No final da década de oitenta, Machado traz uma grande contribuição para a Literatura Brasileira. Conseguiu, como nenhum outro, transpor a ideia de paródia, ironia e contradição.

A percepção da natureza dialógica e irônica da literatura (e da verdade) é a grande contribuição machadiana para o futuro não só no que diz respeito à concepção estrutural de seus romances como também à compreensão mais profunda do papel da linguagem e do homem que se reconhece através das diferenças e da divisão. (BRAYNER, 1979, p. 116)

Esta ideia de ironia e contradição contribuiu positivamente não só no âmbito da literatura, mas no processo de formação e construção do pensamento humano.

2.2 Paródia: contradição consciente

Machado de Assis desponta, quando ainda era um jovem cronista, sua indignação perante a política atrasada que presenciara. Com o passar dos anos seu alvo muda-se para a sociedade como um todo, é o que nos afirma Bosi (1994, p. 235). Ainda segundo Bosi (1994, p. 142), na tentativa de não sofrer repressões, Machado buscou um estilo novo de abordar criticamente as máscaras da sociedade de modo que saísse isento de culpas.

É de forma pensada e consciente que o romancista faz o uso da paródia para compor suas críticas, expondo os fatos reais de modo incomum, como ele mesmo afirma: “Se a missão do romancista fôsse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era uma coisa inútil; a memória substituiria a imaginação.” (BOSI, 1994, p. 235)

Para entendermos o porquê de Machado de Assis usar o elemento paródico no conto que será analisado, entendamos primeiro os conceitos de paródia.

O termo paródia foi institucionalizado no sec. XVII, porém no sec. 5 A.C Aristóteles cita em seu livro Poética que essa nasceu com Hegémon de Taos, quando este usou a epopeia para exaltar homens de classes simples, havendo assim, uma inversão da epopeia, gênero o qual exaltava seus heróis nacionais sendo colocados no mesmo nível de importância de um Deus.

A epopeia e a tragédia, esses gêneros eram reservados a classe social dos mais nobres já a comédia era voltada para a camada social mais pobre. Outros autores dizem que a paródia é nascida com Hipponax, embora haja essa dúvida sobre quem a desenvolveu, não faz tanta diferença uma vez que esse gênero se descobre entre o sec. 5 e 6 A.C. (SANT'ANNA, 2002 p. 12)

Mas qual o conceito de paródia? Segundo Sant'anna, (2002, p. 12), o dicionário de Literatura de Brewer, traz a seguinte definição: “paródia significa uma ode (grego: para- ode)”, assim pode-se fazer a inferência de que a paródia era um poema para ser cantado, como bem explica Shipley, ao dizer que paródia “implicava a ideia de uma canção que era cantada ao lado de outra”, concluindo que a origem da paródia é musical. Ainda segundo, Sant'anna, (2002, p. 12), Shipley em seu dicionário de literatura a paródia é descrita em três tipos: “a verbal, com alteração de uma ou outra palavra do texto; a formal, em que o estilo e os efeitos técnicos de um escritor são usados como forma de zombaria e por fim a temática, em que se faz a caricatura da forma e do espírito de um autor.

É importante ressaltar que na modernidade a paródia nada mais é do que um jogo de intertextualidade, ou seja, uma brincadeira na qual o autor se utiliza de textos de outro autor.

Há todavia, alguns estudiosos como Bakhtin, Tynianov, entre outros que consideram a paródia como algo que se aproxima do cômico e “um mero sinônimo de pastiche, ou seja, um trabalho de juntar pedaços de diferentes partes de obra de um ou de vários autores” (SANT'ANNA, 2002, p. 13), classificando-a, assim como um subgênero.

O conceito de paródia foi se modificando a partir de estudos mais sofisticados, realizados por Tynianov, quando ele a estudou em paralelo ao conceito de estilização. É importante destacar que o entendimento do conceito de paródia depende, essencialmente do receptor, uma vez que este não tenha conhecimento ou nenhuma informação do texto original, é improvável que identifique a existência de uma paródia no texto lido, visto que por falta de informação o texto parodiado será para ele, o original. (SANT'ANNA, 2002, p. 26)

Ainda segundo Affonso Romano, paródia é sempre uma estreia de um novo padrão (2002, p. 27) e tem como ideologia principal a descontinuidade. "Paródia é falar da intertextualidade das diferenças. A paródia é um efeito de deslocamento de deformação." (SANT'ANNA, 2002, p. 28), ou seja, ela busca a fala reprimida do outro. Sant'Anna, diz ainda que, segundo Bakhtin, essa fala do "outro" tanto pode referir-se a um trabalho que se utilize da palavra ou de um ponto de vista do outro, porém para Sant'Anna quando se refere ao "outro", este é diretamente relacionado a uma voz recalcada individual ou social que precisa ser exposta "para que se conheça o outro lado da verdade." A paródia foge do jogo de espelhos, faz seu próprio jogo "e coloca as coisas fora do lugar certo". A paródia "denuncia a duplicidade, ambiguidade e a contradição" (SANT'ANNA, 2002, p. 29)

Assim, nessa disputa de sentido, a paródia é uma luta, uma queda de normas e um choque de interpretação (SANT'ANNA, 2002, p. 30), onde as ideologias estéticas e políticas que controlam o cenário social as consideram sempre como um "discurso indesejável." (SANT'ANNA, 2002, p. 33) Vejamos: "o que o texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que havia sido recalcado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica." (SANT'ANNA, 2002, p. 31)

Segundo Affonso Romano, todo objeto, ou produção, que é tirado de sua normalidade e é colocado em uma situação diferente da usual ocorre uma apropriação desse objeto. Todo artista que trabalha com esse tipo de produção tem como interesse estabelecer uma relação com o cotidiano, fazendo uso dos elementos que fazem parte desse dia a dia. "O artista está querendo desarrumar, inverter, interromper a normalidade cotidiana e chamar a atenção para alguma coisa." (SANT'ANNA, 2002, p. 45)

Na nossa literatura brasileira é comum nos depararmos com exemplos de textos, objetos, artes, que foram alvos desse recurso paródico. Podemos citar, por exemplo, o famoso poema "Canção de exílio" de Gonçalves Dias, escrito no ano de

1847 que foi "reinventado" por muitos outros escritores a exemplo de Oswald de Andrade que escreveu "Canto de regresso a pátria", no ano de 1971. Vejamos os dois textos:

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

(Poesias Reunidas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.)

Oswald de Andrade

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;

Em cismar –sozinho, à noite–
 Mais prazer eu encontro lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que disfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

De Primeiros cantos (1847)

Gonçalves Dias

Observamos que o texto de Oswald de Andrade não seria tão compreendido se não conhecêssemos o texto de onde foi "reinventado", "Canção do exílio", há uma ironia ao trocar a palavra palmeiras por palmares, uma vez que este remete a época da escravidão proporcionando um sentido oposto ao texto "original", essa ironia só é captada a partir do momento que temos conhecimento do texto do poeta Gonçalves Dias.

Outro exemplo de paródia na nossa literatura são os dois textos abaixo:

Deus! ó Deus! onde estás que não me respondes?
 Em que mundo, em que estrela tu t'escondes?
 Embuço nos céus?

Onde estás, ó Deus,
 que não respondes?
 Em que mares,
 Em que ares,
 em que astronave
 tu te escondes?

O primeiro texto é um fragmento do poema "Vozes d'África", do poeta Castro Alves, escrito no século XIX, onde o eu - lírico mostra sua indignação perante a situação em que se encontravam os escravos, questionava a Deus para que fosse tomada alguma providência em favor daqueles seres humanos. O segundo poema, também um fragmento, tem como título "Natal de ontem, de hoje - e de sempre", do autor Mário da Silva Brito, escrito em 1975, conversa com o primeiro e neste há um questionamento a Deus, porém numa adaptação circunstancial, pois o eu - lírico questiona sobre a essência do natal e a ausência de Deus. Outro ponto interessante é o uso da palavra "astronave" em contraposição ao texto base "céus", se referindo ao possível lugar que Deus possa está.

Aragão (1980, p. 19), nas suas reflexões sobre paródia faz algumas considerações acerca do parodiador dizendo que este, contraditoriamente, “assume e recusa a sua própria cultura” e apresenta-se como um ser atuante e crítico demonstrando a sua preocupação diante do que vivencia. Uma vez esgotada a maneira de expor suas preocupações, é hora de usar algo novo, como por exemplo a paródia. A obra do parodiador se constrói ao passo que desconstrói a obra que ele recriou fazendo uso de novos questionamentos, ocultando respostas para que o leitor faça por si só, suas próprias reflexões.

A autora traz para suas reflexões o conceito de paródia defendido por Bakhtine, que associa a paródia a uma perspectiva carnavalesca, possuindo esta uma percepção popular que contrapõe ao formal, o medo, a lentidão, quebrando paradigmas forçando e provocando mudanças de ideias e atitudes nos homens.

Carnavalizar, parodiar, é recusar e esvaziar, é dessacralizar sem descreer, pois só se discute e se leva em consideração aquilo em que se acredita. A paródia possui um caráter positivo, pois mata para fazer brotar novamente a criação. Recusa e esvazia o modelo original para recriar e preencher um modelo que lhe é próprio. (ARAGÃO, 1980, p. 20)

Ainda segundo a autora, percebe-se que o surgimento da paródia acontece a partir do momento em que o autor se coloca como um observador diante do objeto, ludibriando a língua, desvendando os fracassos de uma sociedade cheia de contradições “onde para sobreviver é preciso entrar no jogo do sistema.”. A paródia é a manifestação de um olhar profundo de dúvidas acerca dos valores tradicionais de uma sociedade e é a partir desse olhar crítico, e muitas vezes irônico, sobre o objeto velho que se descobre o novo objeto. (1980, p. 21)

Maria Lúcia (1980, p. 21), também afirma que a ironia e o humor são elementos marcantes no uso paródico, porém o humor, o riso, que se encontram na paródia não é o mesmo encontrado, por exemplo, em um texto de piadas, é um riso sério, desconfiado, pois é tecido com ironias, que despertam o riso, mas aquele comedido.

Diferentemente de Sant'Anna, Aragão (1980, p. 22) defende que a paródia pode ser comparada com um jogo de espelhos, uma vez que a imagem original é invertida haverá uma desproporcionalidade do objeto que sua imagem, ou sua intencionalidade não se posicionará de modo claro, podendo ser comparada a uma imagem em espelho que apresente diversas faces: “... todas as imagens refletidas são verdadeiras, nenhuma é a original e cada uma focaliza o modelo num determinado ângulo.”.

Aragão (1980, p. 22) defende ainda que apesar de um texto paródico partir de outro já existente, ele é extremamente autônomo, uma vez criado ele passa a ter vida própria e torna-se independente em relação ao texto original. Por falar em original, seriam todos os textos bases, exemplos de textos parodiados, inteiramente originais? Josef (1980, p. 65), comenta em seu artigo sobre paródia que Borges é um defensor de não originalidade, segundo o autor todo texto se articula de outros textos dando assim continuidade aos conhecimentos. Para Borges cada escritor repete, sem originalidade o que seus antecessores já fizeram. “Anulado o princípio da identidade, Borges nega a originalidade, nega que algo do muito que já foi escrito possa considerar-se patrimônio individual de um autor” (JOSEF, 1980, p.65)

Segundo Kothe (1980, p. 97), a paródia é um texto dentro de outro e consegue ser ao mesmo tempo uma negação, uma rejeição e uma alternativa, ela nega o texto original rejeitando as ideias trazidas por ele e aborda uma alternativa nova expondo o que o texto base deixou de dizer. Podemos dizer que há uma relação de ódio e desprezo do texto parodiado para o texto original.

A paródia “vive” num estado de tensão, pois indica o “seu” ódio e o “seu” desprezo para com o texto parodiado (de fato, porém, ela indica o ódio e o desprezo de seu autor e da tendência artística e ideológica a que ele pertence) e, ao mesmo tempo, ela denota o seu parentesco para com o texto parodiado. (KOTHE,1980, p. 99)

3. SERMÃO DO DIABO X O SERMÃO DA MONTANHA

Tomando por base os estudos de Tavares, (1991, p. 109), pudemos ver que os gêneros literários eram bastante estudados desde grandes nomes como Aristóteles, Horácio e Platão. Esses gêneros surgem e adquirem tamanha importância na fase clássica. Na Idade Média eles foram esquecidos, salvo alguns tratados e algumas pesquisas sobre a poética utilizada pelos trovadores; porém na época do Renascimento ressurgem com intensidade, uma vez que o Humanismo quer retomar ao passado clássico para sistematizá-los e fixá-los como um sistema.

Antes se acreditava que os gêneros literários eram uma forma nascida da natureza e que os gregos já haviam esgotado todas as possibilidades sobre eles, não existindo nada mais a ser acrescentado, restando unicamente a possibilidade de seguir os modelos deixados pelos gregos. (TAVARES, 1991, p. 109)

E, afinal, o que são gêneros literários? Segundo Tavares (1991, p, 113), "Num conceito amplo diríamos: gêneros são as diversas modalidades da expressão literária." Porém, os gêneros literários não se restringem apenas ao épico, dramático e lírico. Pela tradição os gêneros citados são considerados gêneros fundamentais, mas existem ainda, segundo Tavares (1991, p, 116), os chamados gêneros especiais, os quais fazem parte o satírico e humorístico, o oratório, o epistolar, e o didático.

É válido ressaltar que mesmo que se delimitem certas classificações aos gêneros literários, isso não quer dizer que elas são exclusivas de um determinado gênero. Como por exemplo, um conto, "... que numa classificação amplíssima figura no gênero narrativo, pode pertencer a outro gênero, como o satírico e o humorístico." (TAVARES, 1991, p, 115). Ou uma peça teatral que "pode apresentar características heterogêneas, identificadoras dos diversos gêneros e espécies empregados mutuamente." (TAVARES, 1991, p, 116)

Dentre os gêneros literários aqui citados, temos como foco, para o presente trabalho, nos deter a abordagem do gênero especial oratório, *sermão* que, de acordo com o conteúdo, se inclui na linguagem sacra ou parenética.

Segundo Tavares, (1991, p, 142), o gênero oratório prendia-se "historicamente falando, à Retórica dos antigos, que fazia parte do trível (Épico, dramático e lírico) como disciplina autônoma no sistema educacional de então." Nascido em Atenas, no século V a.C., a Retórica, ainda de acordo com Tavares (1991,

p. 143), se trata do estudo teórico de regras na arte de articular as palavras. A oratória é a maneira prática de exercitar essas regras e possui o objetivo de convencer inteligências e persuadir vontades. Sendo esta uma das principais características do gênero sermão, pois possui uma estrutura planejada com temas dogmáticos ou morais e é proferido em púlpito.

Em língua portuguesa (literatura brasileira e portuguesa), o escritor que se destaca no trabalho com o gênero sermão é Pe. Antônio Vieira. Trata-se de um caso único, uma vez que depois dele nenhum escritor produziu, de modo significativo este gênero. Segundo Bosi (1994, p. 89), Pe. Antônio Vieira desde muito novo apresentava um dom diferenciado da oratória chamado à atenção dos superiores que o deram a missão de ensinar Retórica aos noviços em Olinda.

No ano de 1634 foi ordenado padre e seguiu a missão de ser pregador. Assim, conheceu o poder de influência que o Sermão possuía e, para Bosi, Pe. Antônio Vieira é considerado um gênio pelas diversas qualidades que apresentava.

No fulcro da personalidade do Padre Vieira estava o desejo da ação. A religiosidade, a sólida cultura humanística e a perícia verbal serviam, nesse militante incansável, a projetos grandiosos, quase sempre quiméricos, mas todos nascidos da utopia contra-reformista de uma Igreja Triunfante na Terra, sonho medieval que um Império português e missionário tornaria afinal realidade. (BOSI, 1994, p. 89)

O corpus de análise deste trabalho trata-se de um estudo comparativo entre dois textos: o conto paródia de Machado de Assis “O sermão do diabo”, escrito no ano de 1893, presente na *Obra completa* (1992), e o texto bíblico parodiado “Sermão da montanha”, escrito por Mateus, discípulo de Jesus Cristo, encontrado na Bíblia Sagrada.⁵ O livro de Mateus é o primeiro que compõe o Novo testamento. Este, soma no total vinte e sete livros que foram escritos por volta dos anos 42 a 90 d.C..

Antes de iniciar sua pregação ao povo, Jesus Cristo se recolheu no deserto, em silêncio e meditação, por 40 dias. Após esse período, no primeiro ano de suas pregações, subiu em um monte, próximo à cidade de Cafarnaum, na costa norte do mar da Galileia e proferiu a primeira mensagem direcionada ao povo, o “Sermão da montanha”. Estruturalmente, este se divide em oito partes: As bem-aventuranças; Sal da terra e luz do mundo; A nova lei comparada à antiga; Fazer as boas obras em segredo;

⁵ Bíblia Sagrada Ave Maria - 136ª Ed. São Paulo: Santa Cecília, 2000.

Tesouro do céu. Olho são; Preocupações exageradas; Diversos conselhos e Conclusão do discurso.

Sendo o texto, considerado um sermão que de acordo com o dicionário Aurélio (2000, p. 632), quer dizer “Discurso religioso; prédica, pregação”, e segundo Tavares (2001, p. 144), de acordo com o conteúdo que aborda, encaixa-se na eloquência sacra, e como já mencionado acima, “... requer um certo cuidado com a forma e desenvolve temas dogmáticos ou morais, sendo proferidos em púlpito.”.

Do versículo 5 ao 7, Mateus, o apóstolo, escreveu em palavras o discurso proferido por Jesus Cristo, intitulado “Sermão da montanha”, pronunciado não em um púlpito, mas ao ar livre em cima de uma colina, com a intenção de deixar registrado a pregação do filho Deus, o qual tinha o propósito de guiar a humanidade para que esta vivesse de acordo com os seus ensinamentos anunciando assim, o reino de Deus como tempo de felicidade.

Portanto, podemos afirmar que o sermão trata-se de um gênero oratório com aplicações de dogmas, possui a forma de prosa e é de composição expositiva, uma vez que as estruturas do mesmo, aqui abordadas, são pautadas em tópicos, enumeradas, como uma sequência de regras a serem guiadas, com a finalidade de convencer, influenciar e persuadir aos que ouvem, sobre sua vontade, neste caso a vontade divina, conforme vimos com a leitura acima.

O conto machadiano, "O sermão do diabo", de acordo com a estrutura, não se subdivide em partes, como o texto base. Trata-se de um único texto onde apresenta uma pequena introdução, trinta dogmas e ao final um pequeno texto conclusivo.

Percebemos a ironia machadiana ao observarmos o título do conto: “Sermão do diabo” em contraposição ao “Sermão da montanha”, texto sacro; ou seja, encontrado na estrutura sagrada, a Bíblia. Essa oposição entre o profano (diabo) e o sagrado (Jesus Cristo), no texto machadiano constitui numa tentativa de imitação, do texto sacro, porém com temáticas opositoras, características que compõem a paródia.

O texto machadiano trata, ironicamente, de uma pregação moral, de um ensinamento baseado nos “bons” costumes, descrito de forma enumerada ditando conselhos a serem seguidos, para que assim, o ser humano tenha uma vida plena, cheia de felicidade.

Porém, no conteúdo abordado entre o sermão e o conto, percebe-se a disparidade de discordâncias, o que já é de esperar se partirmos do próprio título, e do

nosso conhecimento de mundo ao fazermos os seguintes questionamentos, analisando a credibilidade e a intencionalidade que cada um possui: Quem é o diabo e o que ele quer nos ensinar? Quem é Jesus Cristo e o que ele quer nos ensinar?

É partindo dessa intencionalidade que Machado constrói a ironia. Ironia esta que é baseada no elemento paródico, de intertextualidade, com um processo de desconstrução do texto original, neste caso o bíblico, expondo no “Sermão do diabo” o que não foi dito, ou o que ficou subentendido no texto original, com um caráter reflexivo e questionador acerca daquilo que estava exposto, mas não tão claro.

Como já mencionado acima, o conto "Sermão do diabo" apresenta um pequeno texto introdutório e nele percebe-se a presença de um narrador de primeira pessoa situando o leitor ao explicar que nem sempre ele age de acordo com os "papéis velhos" e nem acredita tanto neles, se referindo a textos antigos que abordem de alguma maneira a temática da religiosidade; afirma ainda que esses papéis geralmente não trazem ideias inovadoras, mas se referindo ao "Sermão do diabo", o narrador diz que este texto é bastante autêntico, e mesmo que não seja, ainda assim apresenta uma ideia substancial, necessária à vida.

A questão da autenticidade de sermão proferido pelo Diabo é realmente pertinente, uma vez que até então esse gênero é característico da linguagem parenética, já explicado por Tavares. Essa afirmação de autenticidade se pôde constatar, também nos estudos desenvolvidos por Rodrigues (2006, p. 39), quando ela diz que “Em toda a vasta literatura existente sobre o modo de raciocinar, falar e agir do Diabo, não há quem inclua o sermão como uma de suas modalidades discursivas usuais”.

Teixeira (1987, p. 60) diz que na obra de Machado de Assis a criação das personagens, como por exemplo, o Diabo, caracteriza-se como “a essência da revolução machadiana”, pois a cada texto ele cria personagens e histórias diferenciadas

O narrador do conto anuncia, que será apresentado um trecho do evangelho "Sermão do diabo", assim como fez Mateus em o "Sermão da montanha", justificando a ideia pela frase de Santo Agostinho⁶ ao dizer que a igreja do Diabo imita a de Deus.

NEM SEMPRE respondo por papéis velhos; mas aqui está um que parece autêntico; e, se não o é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do sermão do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de S. Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que "a igreja do Diabo imita a igreja de Deus". Daí a

⁶ Frase presente na obra “Cidade de Deus” que descreve uma possível igreja do Diabo.

semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo. (ASSIS, 1893, p. 647)

Antes de apresentar "As bem-aventuranças", dando início ao "Sermão da montanha" Mateus inicia o primeiro e o segundo versículos explicando que Jesus subiu ao monte, cujo nome não é citado, e em vez de proferir seu sermão em pé, num púlpito, sentou-se. Assim, rodeado de gente proferiu seus ensinamentos:

"¹Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele. ²Então abriu a boca e lhes ensinava, dizendo:" (MATEUS, 5; 1-2, p. 1288)

Da mesma maneira ocorre com o conto "Sermão do diabo", no primeiro e no segundo versículos, será proferido um sermão, mas já não mais pela figura de Jesus e sim, pelo Diabo. Quanto ao lugar também há uma modificação, não sendo o mesmo utilizado por Cristo; trata-se de um lugar no Brasil, mais especificamente no monte Corcovado no Rio de Janeiro, lugar onde o Diabo encontra seus discípulos, e ao ver a "multidão de povo", como Machado classifica, o Diabo sobe a esse monte e também sentado, profere seu sermão:

"¹° E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos. ²° E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes." (MACHADO, 1893, p. 647)

É perceptível que há um diálogo paródico existente entre os textos. Os trechos citados são quase idênticos, exceto a diferença das personagens e dos lugares onde os discursos são enunciados. É como afirma Sant'Anna (2002, p. 28), em dizer que paródia "é falar de intertextualidade das diferenças". O uso da paródia é uma característica recorrente na obra de Machado, como afirma (BRAYNER, 1979, p. 105) em dizer que o autor buscava assimilações de vários estilos literários acarretando assim, no uso de paródias.

[...]tornou-se uma sistemática de duplo alcance: por um lado, afirma erudição incontestável na apuração de uma perspectiva estética definida e questionada, e, por outro lado, demonstra a insatisfação de repetir uma sistemática tradicional, colocando-a em discussão através do recurso da paródia. (BRAYNER, 1979, p. 105)

Machado de Assis é um escritor irônico por natureza, é no final do século XIX que se observa na obra machadiana a ironia como princípio de composição. Nesse período o escritor aborda, ironicamente e de maneira muito sutil, questões sobre comportamentos da sociedade brasileira. (BRAYNER, 1979, p. 103)

No trecho, citado acima, do conto “Sermão do Diabo”, fica claro a ironia machadiana, uma vez que ele faz referência ao Rio de Janeiro, citando o monte Corcovado. Essa citação não é à toa uma vez que Machado age como um observador e aborda de modo sutil as "feridas" da sociedade brasileira, mais especificamente a sociedade carioca do século XIX.

Muito se tem se falado no papel do contista Machado como um observador constante da história urbana da cidade do Rio de Janeiro. Pode-se ver desfilarem sob a lente interpretativa do autor os tipos, hábitos, cacoetes socioculturais de uma metrópole em formação e híbrida de berço. Nunca o texto de Machado é gratuito, mera forma de transmitir uma situação mais o menos verossímil: o demônio da crítica sempre está presente e vai-se tornando cada vez mais exigente na escolha dos recursos empregados a fim de despertar no leitor um vislumbre de questionamento. (BRAYNER, 1979, p. 66)

“O sermão da montanha” inicia-se com o subtítulo “As bem-aventuranças” que se repete nove vezes no texto. Mas o que seriam essas bem aventuranças? Segundo o dicionário Aurélio (2000, p. 706), ventura que dizer: “s.f. 1. Fortuna boa ou má; destino, sorte. 2. Boa fortuna; felicidade.”, ou seja, no texto bíblico as bem-aventuranças são enunciações de valores, fortuna, e anúncio da felicidade, porém estas venturas não estão relacionadas ao sentido econômico, aos bens materiais, elas se relacionam à riqueza da alma, à fortuna de estar em paz consigo mesmo, seguindo os passos de Deus.

As bem-aventuranças, no texto bíblico, representam ainda, a justiça de Deus no mundo, e quem busca essa justiça são os considerados pobres de espírito, pois sabem que só é possível possuir a felicidade eterna e a fortuna divina se buscarem seguir os valores ensinados por Jesus Cristo.

Nas nove sentenças de bem-aventuranças, escritas pelo apóstolo Mateus, são enfatizadas as riquezas espirituais em detrimento das materiais; nelas encontramos uma espécie de passos, deixados por Jesus Cristo, que não são impostos aos que acreditam em Deus, mas são apresentadas em forma de conselhos que, caso sejam seguidos no

plano terreno, ganhar-se-ia uma recompensa com isso, sendo ela a felicidade eterna no plano celeste. Vejamos abaixo o Sermão da Montanha:

As bem-aventuranças

1 Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele. 2 Então abriu a boca e lhes ensinava, dizendo:

3 Bem-aventurados os que têm um coração pobre de espírito, porque deles é o Reino dos Céus!

4 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!

5 Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!

6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!

7 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançaram Misericórdia!

8 Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!

9 Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!

10 Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!

11 Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. 12 alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes vós.

“12 Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.”

(MATEUS, 5; 3-12, p. 1288)

As bem-aventuranças estão voltadas para os comportamentos do bem, ou seja, só as possuirão os homens que forem humildes e puros de coração, os que sofrem e choram, os que forem pacientes, pacíficos e misericordiosos, os injustiçados e os perseguidos por defender o nome de Deus e a recompensa para esses comportamentos, como o próprio texto diz “é alcançar a felicidade no reino dos céus”.

A doutrina das “bem-aventuranças” também está presente no texto machadiano, a palavra aparece cinco vezes, porém com sentido contrário ao texto original. Vejamos:

1º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos.

2º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

3º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.

4º Bem-aventurados os afoutos, porque eles possuirão a terra.

5º Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves.

6º Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos.

7º Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal, por meu respeito.

8º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.

(MACHADO, p. 647)

“Bem-aventurados”, no “Sermão do Diabo”, assim como o “Sermão da montanha” volta-se para as questões de comportamento, porém os tipos de condutas defendidas pelo Diabo divergem totalmente das doutrinas sacras, o que é de se esperar conhecendo a personagem do sermão. Além disso, outro aspecto de proximidade é a recompensa que se pode ter através das atitudes proferidas com a diferença de que no texto base a recompensa de felicidade eterna se alcançará no reino dos céus. Já no texto parodia, a recompensa é concebida no plano terreno, uma vez que o sinônimo de felicidade é associando ao dinheiro, consumo, ao ter, possuir e não ao ser.

Ainda segundo o “Sermão do Diabo”, é dito que os “bem-aventurados” são aqueles que “embaçam, porque eles não serão embaçados.”, ou seja, cheios de boas venturas são os homens que burlam, ludibriam, enganam, que obscurecem certos fatos; como recompensa ganha-se o respeito no mundo capitalista e o retorno é livrar-se de homens que tenham o mesmo tipo de conduta, uma vez que dotado da sabedoria do “embaçar” não cairão em golpes de outros não sendo, conseqüentemente, enganados.

“Bem-aventurados” são os de comportamentos ousados, audaciosos, os “afoutos”, como o texto traz, os dotados desse adjetivo, conseguirão dominar a terra, dominar financeiramente os homens. “Bem-aventurados” são, ainda, aqueles que andam sempre de bolsos “limpos”, vazios, porque sempre estarão mais “leves”. Ao adjetivo “leve” trazido pelo texto cabem duas interpretações. Os bolsos devem estar leves para serem cheios na primeira oportunidade que tiverem e esvaziá-los na mesma rapidez, e por sua vez estando vazios não caracterizam nenhum indício de culpa e não serão incriminados por algo, ficando assim tranquilos, leves, de possíveis acusações.

“Bem-aventurados” são aquelas pessoas que já nascem ricos, os “finos”, porque terão a oportunidade de aumentar, “engrossar”, sua fortuna e “Bem-aventurados”, serão também, os que forem insultados de todo mal por defender as

premissas defendidas pelo Diabo, assim na 8ª premissa, o Diabo diz que deve-se folgar e exultar porque o prêmio, a sua recompensa é grandiosa na terra.

Percebemos nas “bem-aventuranças” do “Sermão do Diabo”, a constante associação do projeto de felicidade ao usufruto do dinheiro em total disparidade com as premissas aconselhadas por Jesus Cristo. Como mencionado anteriormente, Machado de Assis conviveu boa parte de sua vida com pessoas ricas e de forte influência política e é no século XIX que o autor traz como contribuição para a Literatura Brasileira a ironia como contradição existencial. (BRAYNER, 1979, p. 103)

Na paródia fruto da criação de Machado o que ocorre é justamente a insatisfação do parodiador ao observar os modos culturais da sociedade carioca quebrando paradigmas estabelecidos, um tanto audacioso por usar como base um texto bíblico. Dessa forma, o autor esvazia o texto original e recria-o estabelecendo um sentido novo que despertará no leitor uma nova visão que causando questionamentos acerca do que foi dito, ampliando assim sua maneira de perceber os dois lados, as oposições de opinião. Como afirma, Aragão:

Através da paródia quebra com os padrões estabelecidos e nos força a reconhecer a persistência de uma outra forma de ficção. Na tensão entre a ficção passada e a nova, sobressai o poder de renovação do homem, que insiste em não se deixar dominar por nenhuma força. (ARAGÃO, 1980, p. 20)

Além da crítica severa à sociedade carioca do século XIX, Machado se utiliza em seu conto de uma ironia refinada, se colocando como um parodiador consciente, isentando-se de sua responsabilidade se colocando como um observador do objeto parodiado “Sermão do Diabo” escancarando os contrastes da sociedade do Rio de Janeiro sem se comprometer, ficando resguardado, uma vez que fazia parte da mesma sociedade a qual criticava, sendo o fundador e o presidente da Academia Brasileira de Letras e, também, fora reconhecido em vida, pela sociedade, como o maior escritor brasileiro, o que nos afirmou Candido.

O autor faz uso da ironia dentro da paródia, assim as atenções de crítica se voltavam para o texto tomado como modelo, neste caso o “Sermão do Diabo”, invertendo o alvo da crítica para o leitor, ficando isento da responsabilidade. É o que afirma Brayner:

A ironia protege o criador do envolvimento demasiado nas malhas da criação – o distanciamento que ela provê reassegura-lhe a liberdade. [...] A paródia é a ironia em ação na escalada do muro da propriedade, agredindo o primeiro dono para se servir dele segundo sua nova criação. (BRAYNER, 1979, p. 102)

A ironia utilizada na paródia machadiana é uma espécie de exposição de algumas atitudes da sociedade que estão camufladas. Uma sociedade capitalista, tendo o dinheiro como a base de tudo, principalmente como sinônimo de felicidade, não importando os meios para consegui-lo. Uma sociedade voltada para o bem individual e não coletivo, como prega o “Sermão da montanha”. A ironia machadiana desperta, ainda, no leitor um caráter cômico. Situações de oposições de comportamentos humanos que fogem do habitual, “despertam um riso reduzido, cético, equilibrado.” (BRAYNER, 1979, p. 105). Brayner diz ainda que “O *humour* típico dos ingleses, absorvido pelo pessimista Machado, é a mais radical forma de ironia, a consciência cética do absurdo da vida.” (1979, p. 105)

No texto de Machado de Assis, em análise, a paródia desconstrói o sentido do texto original, o "Sermão da montanha", através da ironia e do caráter humorístico de que o autor faz uso. Ao mesmo tempo em que o humor desconstrói o sentido do texto base, ele constrói outra realidade que até então não se tinha conhecimento e tem total identificação com a realidade. Linkhatchóv e Pantchnrko afirmam exatamente isso, no tocante ao despertar o riso no texto literário. "[...] destruindo, o riso ao mesmo tempo constrói: ele cria o seu antimundo fantástico, que traz em si determinada concepção do universo, determinada relação com a realidade ambiente." (Apud ARAGÃO, 1980, p.91)

Nas demais premissas do texto machadiano, para caracterizar a paródia, pudemos observar que o autor seleciona alguns dos versículos do texto escrito pelo apóstolo Mateus, porém como pode ser observado na estrutura e como foi dito anteriormente, diferentemente do texto original, o conto apresenta trinta premissas sequências e não há subdivisão em tópicos.

Texto paródia, o "Sermão do Diabo":

9º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar.

10. Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela.

11. Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas.
12. Não acrediteis em sociedades arrebentadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.
13. Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.
14. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.
15. Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.
16. Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.
17. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas.
18. Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia.
19. Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.
20. Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam.
21. Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.
22. Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.
23. Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.
24. Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dous para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum.
25. Não tenhais medo às assembléias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vangloria e as assembléias as boas palavras.
26. As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.
27. Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas, e perpétuas as contas que se não contam.
28. Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.
29. Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.
30. Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos

ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios..."

Versículos selecionados do "Sermão da montanha", que conversam com o texto parodiado:

Sal da terra e luz do mundo

13 Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens.

14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha 15 nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa.

A nova lei comparada à antiga

17 Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los à perfeição.

27 Ouvistes que foi dito aos antigos: *Não cometerás adultério.*

21 Ouvistes o que foi dito aos antigos: *Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal.*

33 Ouvistes ainda o que foi dito aos antigos: *Não jurarás falso, mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos.*

34 Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; 35 nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. 36 Nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes fazer um cabelo tornar-se branco ou negro.

19 Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furam e roubam. 20 Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem a traça nem a ferrugem consomem, e os ladrões não furam nem roubam. 21 Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração.

Diversos conselhos

1 Não julgueis, e não sereis julgados. 2 Porque do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida com que tiverdes medido, também vos sereis medidos.

19 Toda a árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo.

Conclusão do discurso

24 Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica é semelhante a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. 25 Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. 26 Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. 27 Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína. (Mateus 5-7, p. 1288-1291)

A todo momento Machado desenvolve seu texto paródia, “Sermão do Diabo”, com a ironia e o humor, sempre em contraposição ao texto original o "Sermão da montanha". Ainda na mesma temática, o autor aborda características comportamentais da sociedade carioca do século XIX, a qual conhecia de perto.

Segundo Mello e Costa (2005, p. 200), no século XIX começou o desenvolvimento industrial no Brasil, assim significativas mudanças socioeconômicas ocorreram. Entre os anos de 1830 e 1860 se instalaram no país aproximadamente setenta fábricas dos mais variados artigos que antes eram todos importados como, por exemplo, sabão, tecidos de algodão, cerveja, chapéu, etc. Com todo esse crescimento outros setores também foram se desenvolvendo: “foram abertos catorze bancos, três caixas econômicas, vinte companhias de navegação, oito de estradas de ferro, três de transportes urbanos, três de seguros, quatro de colonização, oito de mineração e duas de gás.”, ou seja, era o algo do capitalismo e da negociação. (Mello e Costa, 2005 p. 200)

Na era industrial o dinheiro era à base do negócio e também uma ótima oportunidade da alta burguesia tornar-se cada vez mais rica. Foi observando esse marco político que Machado se inspira para compor seu conto quando afirma:

9º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar.

10. Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela.

11. Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas.

12. Não acrediteis em sociedades arrebetadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.

13. Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.

14. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.

15. Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.

16. Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.

17. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer

antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas.

18. Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia.

19. Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.

20. Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam.

21. Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.

22. Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.

23. Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.

24. Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dous para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum.

25. Não tenhais medo às assembléias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vangloria e as assembléias as boas palavras.

26. As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.

27. Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas, e perpétuas as contas que se não contam.

28. Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.

29. Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.

30. Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios..."

Na Grécia antiga o sal foi a primeira fortuna capitalista, eram pagas em forma de soldos aos seus soldados; aqui Machado, no “Sermão do Diabo”, compara o sal ao dinheiro e afirma ser este a base principal do mercado monetário e da vida, caso o dinheiro se desvalorize ou não o tenham, as relações irão ter prejuízos, uma vez que sem ele não há como serem feitos pagamentos e muito menos sobreviver sem o mesmo. O Diabo diz ainda que não veio modificar nenhuma obra que já estava pronta, se referindo tantos as premissas do “Sermão da montanha” quanto as obras relacionadas a dinheiro, afirma apenas que veio refazer as obras que estão imperfeitas.

Nas doutrinas citadas acima, percebemos que o Diabo sai em defesa do não desperdício da oportunidade de beneficiar-se, de lucrar explorando o outro, quando diz

que pior que matar é deixá-lo sem dinheiro, sugando-o, enganando-o, traindo a confiança alheia para ter um retorno financeiro. O astuto, o falso, consegue convencer o outro de que uma mentira é a pura verdade. O calunioso convence e deve se envolver com pessoas que compartilham o mesmo pensamento para assim não serem prejudicados e nem entregues à polícia.

No sermão, o Diabo afirma ainda que a sociedade é cheia de falhas se corrompe e tem seu preço, a prova desta afirmação são os “remendos” que não tenho linha da mesma cor estes “remendos”, ou seja, as falhas podem ser consertadas de outra maneira, até mesmo com linhas de outras cores. Na 13ª premissa, o diabo defende tanto o adultério quanto a questão de exploração do lombo alheio, o trabalho escravo. Antes ele ser traído que eu, antes ele explorada que eu.

Outra doutrina pregada pelo diabo é de que melhor que matar seu irmão ou seu inimigo é deixá-lo sem dinheiro, sem vestes, sem nada, assim ele estará morto em vida, uma vez que é o dinheiro que rege a felicidade. Defende ainda, que as pessoas gostavam de viver com mentiras e que não gostam de ouvir verdades, por isso se tornam indecentes. Fala sobre não guardar seu tesouro em lugares onde possa perdê-lo, seja por roubo, seja por pessoas que queiram sugar seu dinheiro, ou empregar em objetos que não terão lucro, é melhor guardar em um banco de Londres, no exterior, assim no dia do juízo final do Diabo, estarás seguro, o encontrarás salvo.

Na premissa 22 o Diabo orienta a não confiar nas pessoas, pois uma boa cara nem sempre é sinônimo de um bom negócio, por isso deve-se desconfiar de todos. Na premissa 23 é reforçada a ideia de ludibriar as pessoas no desígnio do benefício próprio, vendendo “gato por lebre”, ou seja, passando para os compradores produtos não tão bons, mas os convencendo que é, tanto para não acabar com as “lebres”, quanto para não ficar com um mau negócio nas mãos e não ganhar dinheiro. É dito também que o homem não deve julgar o próximo, pois se um for buscar saber o erro do outro os dois podem ser prejudicados e irem para a cadeia. Dessa forma, é melhor para ambos que omitam e escondam as corrupções que tomarem conhecimento, assim ninguém é prejudicado.

Exalta as comissões, os juros e as porcentagens que o capitalismo proporciona. O dinheiro fácil conseguido por explorar o outro. O Diabo diz ainda que pode-se até amar um homem que lhe arranjou um bom negócio, mas deve-se ter cuidado, não dando espaço para que esse homem use das mesmas artimanhas de

negociantes em benefício próprio. Tudo isso devendo obediência ao senhor, nesse caso o Diabo.

O Diabo encerra seu sermão dizendo que o homem que ouve e observa as palavras proferidas por ele é um sábio, “edificou sobre a rocha, resistiu aos ventos” e aos que não praticam dessas premissas é um homem sem consideração, pois não construiu nenhuma riqueza, deixando as oportunidades passarem, “ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios...” (Machado, p. 648)

Todas as premissas proferidas pelo Diabo estão em contradição com as proferidas por Jesus Cristo, o sinônimo do sal apresentada por este é no sentido positivo, o homem não pode perder o gosto, nem a esperança de viver em felicidade no plano dos céus, caso contrário não servirá para nada. O homem deve ainda, ser a luz e levar esperança de felicidade para todos. Jesus Cristo diz que não veio acabar com leis e nem com os profetas, ambos têm suas importâncias, ele veio para aperfeiçoá-los. É contra o adultério, a morte e o jurar em vão o nome de Deus, o não julgamento do próximo, bem como não guardar tesouro no plano terreno, uma vez que a felicidade é a riqueza de espírito e esta ninguém o poderá tomar do outro.

Teixeira (1987, p. 63) nos lembra que as narrativas machadianas possuem uma brevidade decisiva e prática. Em poucas palavras Machado expõe uma “verdade moral de grande alcance” que muitas vezes podem ser de complexa compreensão a uma primeira leitura. É exatamente o que encontramos no texto em análise. Após várias leituras sobre o conto é que percebemos o que estava escrito nas entrelinhas.

Por fim o “Sermão da montanha”, diz que aquele que ouve e pratica as palavras de Deus é o mesmo que edificar sua casa em uma rocha, nenhum mal o alcançará.

Sal da terra e luz do mundo

13 Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens.

14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha 15 nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa.

A nova lei comparada à antiga

17 Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los à perfeição.

27 Ouvistes que foi dito aos antigos: *Não cometerás adultério.*
 21 Ouvistes o que foi dito aos antigos: *Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal.*
 33 Ouvistes ainda o que foi dito aos antigos: *Não jurarás falso, mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos.*
 34 Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; 35 nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. 36 Nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes fazer um cabelo tornar-se branco ou negro.
 19 Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furam e roubam. 20 Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem a traça nem a ferrugem consomem, e os ladrões não furam nem roubam. 21 Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração.

Diversos conselhos

1 Não julgueis, e não sereis julgados. 2 Porque do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida com que tiverdes medido, também vos sereis medidos.

Conclusão do discurso

24 Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica é semelhante a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. 25 Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. 26 Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. 27 Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína. (Mateus 5-7, p. 1288-1291)

Após as 30 doutrinas proferidas pelo Diabo, o conto é encerrado com uma pequena conclusão que diz o seguinte:

Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e, ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia. (Machado, p. 649)

O narrador afirma ter recebido o manuscrito das premissas do próprio Diabo, daí faz-lhe uma descrição física e diz que tem o mesmo aspecto do demoníaco Mefistófeles, um demônio intelectual das lendas germânicas (Aurélio, 2000, p. 454), onde a expressão “barbícula ao queixo” nos dá essa ideia de intelectualidade. Apesar de ter recebido o manuscrito, o narrador quer isentar-se da responsabilidade de responder pelo papel e pelas doutrinas que há nele defendidas, muito menos se responsabiliza

pelas interpretações que cada pessoa possa ter ao tomar conhecimento dessa leitura, se referindo aos “erros de cópias”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente monografia desenvolveu uma análise interpretativa estabelecendo um diálogo entre o conto “Sermão do Diabo”, do escritor Machado de Assis e o texto bíblico “O sermão da montanha”, escrito por Mateus, discípulo de Jesus Cristo. Esse diálogo é estabelecido através do jogo de intertextualidade, entre os textos citados, através do elemento paródico em que no “Sermão do Diabo”, Machado apresenta um novo padrão de sermão que tem como característica principal a descontinuidade, a deformação de sentido do texto original, “O sermão da montanha”.

Machado de Assis possui duas grandes características que o fazem um escritor completo. A primeira é que possui uma obra riquíssima abrindo espaço para ser estudado nas mais diversas áreas e nos mais variados aspectos e a segunda é o aspecto da atemporalidade que sua obra apresenta, visto que o conto estudado foi escrito no ano de 1893 e, quase duas décadas depois, sua temática é recorrente na sociedade de hoje.

Desde jovem, o autor, demonstra um caráter inconformista. Durante sua vida de escritor alguns focos de interesse foram sendo mudados, mas o autor destacou-se por abordar casos ligados ao comportamento psicológico do ser humano, escrevendo crônicas, romances, contos, etc.

Por tanto, diante da análise realizada, podemos afirmar que é de modo consciente que o romancista utiliza-se do recurso paródico para compor suas críticas, numa maneira de recusar a sua própria cultura apresentando fatos reais da sociedade de uma maneira nada comum, uma vez que a paródia é um jogo de intertextualidade em que o autor brinca com o texto do outro e expõe verdades que até então não tinham sido reveladas.

No conto analisado, “Sermão do Diabo”, percebemos que o contista demonstra sua percepção perante os valores que a sociedade carioca do século XIX apresenta. A supervalorização do dinheiro, a exploração do outro em troca de um retorno financeiro, a lei da vantagem própria ludibriando pessoas e a justiça, porque para a personagem do conto, o Diabo, as bem-aventuranças são alcançadas exclusivamente no plano terreno, em que o sinônimo de felicidade é associado ao

dinheiro, indo em total desencontro com as doutrinas pregadas no texto que Machado utiliza como base, “O sermão da montanha”.

Todo o texto machadiano é marcado por ideias contrárias ao texto original, a iniciar pelo próprio título. Machado uniu ao conto, como ninguém, o caráter irônico, humorístico-cético e paródico, revelando nas entre linhas críticas severas às atitudes capitalistas que a sociedade carioca apresentava. Assim, entre um sermão e outro, identificamos e pontuamos essa luta paródica entre os pontos divergentes, irônico e o humor comedido utilizado pelo.

Para compreender o texto paródico o receptor deve ter conhecimento sobre o texto original, caso contrário é improvável a identificação de que o texto tenha sido parodiado, uma vez que sem essa informação a paródia será, para o leitor, o texto original.

Esta monografia além de ser um requisito para a conclusão do curso Letras, trará contribuições positivas, tanto no âmbito intelectual quanto pessoal de quem a buscará como fonte de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria Lúcia P. de. *A paródia em a força do destino*. In: PORTELLA, Eduardo. *Sobre a paródia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. P. 18-28.

ASSIS, Machado de; COUTINHO, Afrânio (Org). *Obra Completa. Vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1992.

BIBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave Maria*. Tradução: Centro Bíblico Católico. 136. ed rev. São Paulo: Claretiana, 2000.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAYNER, Sônia. *As Metamorfozes Machadianas*. O mundo da contradição, Ed. Civilização Brasileira, p. 97-118, 1979.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. *Ciência e Cultura*. v. 24, n°9. p. 803-809, 1972.

_____. *Vários escritos*. 4ª. Ed. reorg. pelo autor. São Paulo: Duas Cidades, p. 15-32, 2004.

COSTA, Luís César Amad Costa; MELLO, Leonel Itaussu A. *História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio*. 4 ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2000.

JOZEF, Bella. *O espaço da paródia, o problema da intertextualidade e a carnavalesação*. In: PORTELLA, Eduardo. *Sobre a paródia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. P. 53-70.

KOTHE, Flávio R. *Paródia & CIA*. In: PORTELLA, Eduardo. Sobre a paródia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. P. 97-113.

MACHADO DE ASSIS. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/>>. Acesso em: 04 dez 2012.

RODRIGUES, Rosângela de Melo. *A sátira menipéica paródia em o sermão do Diabo, de Machado de Assis*. In: PINHEIRO, José Helder Alves; NÓBREGA, Maria Marta. *Literatura da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006. P. 39 - 48.

SANT'ANNA, Affonso Romano. *Paródia, paráfrase & Cia*. Ed. Ática, São Paulo, 2002.

TAVARES, Hênio. *Teoria da Literatura*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ANEXO

MACHADO DE ASSIS

OBRA COMPLETA

Organizada por
AFRÂNIO COUTINHO

VOLUME II

CONTO E TEATRO

Machado de Assis, Contador de Histórias
MÁRIO MATOS

O Teatrólogo
MÁRIO DE ALENCAR



Machado de Assis

NA

os *Mistérios de Paris*, a *Lua de Londres*, o *Carnaval de Veneza*. . . Abri-os sem curiosidade, li-os sem interesse, deixando que os olhos caíssem pelas colunas abaixo, ao peso do próprio fastio. Mas os diabos estacaram de repente, leram, releeram e mal puderam crer no que liam. Julgai por vós mesmos.

Antes de ir adiante, é preciso saber a idéia que faço de um legislador, e a que faço de um salteador. Provavelmente, é a vossa. O legislador é o homem deputado pelo povo para votar os seus impostos e leis. É um cidadão ordeiro, ora implacável e violento, ora tolerante e brando, membro de uma câmara que redige, discute e vota as regras do governo, os deveres do cidadão, as penas do crime. O salteador é o contrário. O officio deste é justamente infringir as leis que o outro decreta. Inimigo delas, contrario à sociedade e à humanidade, tem por gosto, prática e religião tirar a bolsa aos homens, e, se for preciso, a vida. Foge naturalmente aos tribunais, e, por antecipação, aos agentes de policia. A sua arma é uma espingarda; para que lhe serviriam penas, a não serem de ouro? Uma espingarda, um punhal, olho vivo, pé leve, e matto, eis tudo o que elle pede ao céu. O mais é com elle.

Dadas estas noções elementares, imaginai com que alvoroço li esta noticia de uma de nossas folhas: "Na Grécia foi preso o deputado Talis, e expediu-se ordem de prisão contra outros deputados, por fazerem parte de uma quadrilha de salteadores, que infesta a provincia de Tessália". Dou-vos dez minutos de incredulidade para o caso de não haverdes lido a noticia; e, se vos acomodais da monotonia da vida, podeis clamar contra semelhante accumulção. Chamai bárbara à moderna Grécia, chamai-lhe opereta, pouco importa. Eu chamo-lhe sublime.

Sim, essa mistura de discurso e carabina, esse apoiar o ministério com um voto de confiança às duas horas da tarde, e ir espreitá-lo às cinco, à beira da estrada, para tirar-lhe os restos do subsídio, não é comum, nem rara, é única. As instituições parlamentares não apresentam em parte nenhuma esta variante. Ao contrario, quaisquer que sejam as modificações de clima, de raça ou de costumes, o regimen das câmaras difere pouco, e, ainda que difira muito, não irá ao ponto de pôr na mesma curul Catão e Caco. Há alguma cousa nova debaixo do sol.

Durante meia hora fiquei como fora de mim! A situação é, na verdade, artofanesca. Só a mão do grande cômico podia inventar e cumprir tão extraordinária facécia. A folha que dá a noticia não conta nada da provável confusão de linguagem que há de haver nos dous officios. Quando algum daqueles deputados tivesse de falar na Câmara, em vez de pedir a palavra, podia muito bem pedir a bolsa ou a vida. Vice-versa, agredindo um viajante, pedir-lhe-ia dous minutos de atencção. E nada ficaria, em absoluto, fora do seu lugar; com dous minutos de atencção se tira o relógio a um homem, e mais de um na Câmara preferiria entregar a bolsa a ouvir um discurso.

Mas, por todos os deuses do Olimpo! não há gosto perfeito na terra. No melhor da aletria acudiu-me à lembrança o livro de Ed-

mond About, onde me pareceu que havia alguma cousa semelhante à noticia. Corri a elle; achei a cena dos maniotas, que ameaçavam brandamente um dos amigos do autor, se lhes não desse uma pequena quantia. O chefe do grupo era empregado subalterno da administração local. About chega, ameaça por sua vez os homens, e, para assustá-los, cita o nome de um deputado para quem levava carta de recommendação. "Fulano! exclamou o chefe da quadrilha, rindo; conheço muito, é dos nossos."

Assim, pois, nem isto é novo! Já existia há quarenta anos! A novidade está no mandado de prisão, se é a primeira vez que elle expede, ou se até agora os homens faziam um dous officios discretamente. Fiquei triste. Eis aí, tornamos à velha divisão de classes, que a terra de Homero podia destruir pela forma audaz de Talis. Aí volta a monotonia das funções separadas, isto é, uma restricção à liberdade das profissões. A própria poesia perde com isto; ninguém ignora que o salteador, na arte, é um carácter generoso e nobre. Talis, se é assim que se lhe escreve o nome, pode ser que tivesse ganhado um par de sapatos a tiro de espingarda; mas estou certo que propria na Câmara uma pensão à viúva da vítima. São duas operações diversas, e a diversidade é o próprio espirito grego. Adeus, minha illusão de um instante! Tudo continua a ser velho; *nilhil sub sole novum*.

Eu pediria o perdão de Talis, se pudesse ser ouvido. Condennem os demais, se quiserem, mas deixem um, Talis ou outro qualquer, um funcionário duplo, que tire ao parlamento grego o aspecto de uma instituição aborrecida. Que a Hélade deite os ministérios abaixo, se lhe apraz, mas não atire às águas do Eurotas um elemento de aventura e de poesia. Acabou com o turco, acabe com este modernismo, que é outro turco, diferente do primeiro em não ser silencioso. Não esqueça que Byron, um dos seus grandes amigos, deixou o parlamento britânico para fugir à discussão da resposta à fala do trono. E repare que não há, entre os seus poemas, nenhum que se chame *O presidente do conselho*, mas há um que se chama *O Corsário*.

[006]

O SERMÃO DO DIABO

(1893, setembro)

NEM SEMPRE respondo por papéis velhos; mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de S. Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que "a igreja do Diabo imita a igreja de Deus". Daí a semelhança entre os dous evangelhos. Lá vai o do Diabo:

1.º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discipulos.

2.º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

3.º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.

4.º Bem-aventurados os afeitos, porque eles possuirão a terra.

5.º Bem-aventurados os limpos das algebeiras, porque eles andarão mais leves.

6.º Bem-aventurados os que nascerem finos, porque eles morrerão grossos.

7.º Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal,

- 8.º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.
- 9.º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra cousa se há de salgar?
- 10.º Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela.
- 11.º Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas.
- 12.º Não acrediteis em sociedades arrebetadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.
- 13.º Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.
- 14.º Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhades o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.
- 15.º Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.
- 16.º Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.
- 17.º Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disséres que o sol acabou, todos acenderão velas.
- 18.º Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia.
- 19.º Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.
- 20.º Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam.
- 21.º Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.
- 22.º Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.
- 23.º Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.
- 24.º Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dous para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum. *(Kraus-Ditt) Consciência*
- 25.º Não tenhais medo às assembleias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vanglória e as assembleias as boas palavras.
- 26.º As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.
- 27.º Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas e perpétuas as contas que se não contam.
- 28.º Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.
- 29.º Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.

30.º Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios...

Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia.

[0071] A CENA DO CEMITÉRIO

(1894, junho)

NÃO MISTUREIS alhos com bugalhos; é o melhor conselho que posso dar às pessoas que lêem de noite na cama. A noite passada, por infringir essa regra, tive um pesadelo horrível. Escutai; não perdereis os cinco minutos de audiência.

Foi o caso que, como não tinha acabado de ler os jornais de manhã, fi-lo à noite. Pouco já havia que ler, três notícias e a cotação da praça. Notícias da manhã, lidas à noite, produzem sempre o efeito de modas velhas, donde concluo que o melhor encanto das gazetas está na hora em que aparecem. A cotação da praça, conquanto tivesse a mesma feição, não a li com igual indiferença, em razão das recordações que trazia do ano terrível (1890-91). Gastei mais tempo a lê-la e relê-la. Afinal pus os jornais de lado, e, não sendo tarde, peguei de um livro, que acertou de ser Shakespeare. O drama era *Hamlet*. A página, aberta ao acaso, era a cena do cemitério, ato V. Não há que dizer ao livro nem à página; mas essa mistura de poesia e cotação de praça, de gente morta e dinheiro vivo, não podia gerar nada bom; eram alhos com bugalhos.

Sucedeu o que era de esperar; tive um pesadelo. A princípio, não pude dormir; voltava-me de um lado para outro, vendo as figuras de Hamlet e de Horácio, os coveiros e as caveiras, ouvindo a balada e a conversação. A muito custo, peguei no sono. Antes não pegasse! Sonhei que era Hamlet; trazia a mesma capa negra, as meias, o gibão e os calções da mesma cor. Tinha a própria alma do príncipe de Dinamarca. Até aí nada houve que me assustasse. Também não me aterrou ver, ao pé de mim, vestido de Horácio, o meu fiel criado José. Achei natural: ele não o achou menos. Saímos de casa para o cemitério; atravessamos uma rua que nos pareceu ser a Primeiro de Março e entramos em um espaço que era metade cemitério, metade sala. Nos sonhos há confusões dessas, imaginações duplas ou incompletas, mistura de cousas opostas, dilacerações, desdobramentos inexplicáveis; mas, enfim, como eu era Hamlet e ele Horácio, tudo aquilo devia ser cemitério. Tanto era que ouvimos logo a um dos coveiros esta estrofe:

Era um título novinho,
Valia mais de oitocentos;
Agora que está velhinho
Não chega a valer duzentos.

(chamado Pedro) e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. **19** E disse-lhes: "Vinde após mim e vos farei pescadores de homens." **20** Na mesma hora abandonaram suas redes e o seguiram. **21** Passando adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam com seu pai Zebedeu consertando as redes. Chamou-os, **22** e eles abandonaram a barca e seu pai e o seguiram.

III — SERMÃO DA MONTANHA (5—7)

As bem-aventuranças

(= Lc 6,20-49)

5 Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele. **2** Então abriu a boca e lhes ensinava, dizendo:

3 "Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus!

4 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!

5 Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!

6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!

7 Bem-aventurados os misericórdiosos, porque alcançarão misericórdia!

8 Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!

9 Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!

10 Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!

11 Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. **12** Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós."

23 Jesus percorria toda a Galiléia ensinando nas suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino, curando todas as doenças e enfermidades entre o povo. **24** Sua fama espalhou-se por toda a Síria: traziam-lhe os doentes e os enfermos, os possessores, os lunáticos, os paralíticos. E ele curava a todos. **25** Grandes multidões acompanharam-no da Galiléia, da Decápole, de Jerusalém, da Judéia e dos países do outro lado do Jordão.*

Sal da terra e luz do mundo

(= Mc 9,50; 4,21 = Lc 14,34s)

13 "Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens.

14 "Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha **15** nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa. **16** Assim, brilha vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus."

A nova lei comparada à antiga

17 "Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para abolir, mas sim para levá-los à perfeição. **18** Pois em verdade vos digo: passará o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei. **19** Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os guardar e os ensinar será declarado grande no Reino dos céus. **20** Digo-vos, pois, se vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos céus."

não jureis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; **35** nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. **36** Nem jurarás pela tua cabeça, porque não poderás fazer um cabelo tornar-se branco ou negro. **37** Dizei somente: 'Sim', se sim; 'não', se não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno.*

38 "Tendes ouvido o que foi dito: *Olho por olho, dente por dente.* **39** Eu, porém, vos digo: não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra.* **40** Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa. **41** Se alguém vem obrigá-te a andar mil passos com ele, anda dois mil. **42** Dá a quem te pede e não te desvies daquele que te quer pedir emprestado.

43 "Tendes ouvido o que foi dito: *Amarás o teu próximo* e poderás odiar teu inimigo.* **44** Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem. **45** Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. **46** Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? **47** Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isto também os pagãos? **48** Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito."

Fazer as boas obras em segredo

(= Lc 11,1-4)

6 "Guardai-vos de fazer vossas boas obras vistas por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu.

2 "Quando, pois, dásmola, não loques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e

21 "Ouvistes o que foi dito aos antigos: *Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal.* **22** Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes. Aquele que disser a seu irmão: *Raca*, será castigado pelo Grande Conselho. Aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da geena.* **23** Se esardes, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; só então vem fazer a tua oferta. **26** Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. **26** Em verdade te digo: dali não sairás antes de teres pago o último centavo.

27 "Ouvistes que foi dito aos antigos: *Não cometerás adultério.* **28** Eu, porém, vos digo: todo aquele que olhar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração. **29** Se teu olho direito é para a causa de queda, arranca-o e lança-o longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, do que o teu corpo todo seja lançado para ti causa de queda, corta-a e lança-a longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, do que o teu corpo inteiro seja atirado na geena. **31** Foi também dito: *Todo aquele que rejeitar sua mulher, dá-lhe carta de divórcio.* **32** Eu, porém, vos digo: todo aquele que rejeita sua mulher, a faz tornar-se adúltera, a não ser que se trate de matrimônio falso; e todo aquele que desposar uma mulher rejeitada como um adúltero.

33 "Ouvistes ainda o que foi dito aos antigos: *Não jurarás falso, mas cumprimos para com o Senhor os teus juramentos.* **34** Eu, porém, vos digo:

23. Sinagoga: lugar em que os judeus se reúnem para rezar.

24. Lunáticos: nome dado, na Antiguidade, aos epiléticos, porque os antigos criam que os doentes sofriam influência da lua.

25. Decápole: região situada nos arredores do mar de Tiberíades e que compreendia dez cidades.

Cap. 5 - 18. Jota: esta é a menor letra do alfabeto hebraico.

22. Raca: palavra grega que significa *idiota, cabeça vazia*.

37. Sentido: contentai-vos, nas circunstâncias ordinárias, com a linguagem comum e, sobretudo, que vossa palavra seja verdadeira.

39. Sentido: tende o espírito de suavidade e paciência, e fugi à vingança.

43. Próximo: no sentido de *qualquer outro israelita*.

nas ruas, para serem louvados pelos homens. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa. **3** Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita.* **4** Assim, a tua esmola se fará em segredo; e tu Pai, que vê o escondido, recomendar-te-á.

5 “Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa. **6** Quando orardes, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e tu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á.

7 “Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos que julgam que serão ouvidos à força de palavras. **8** Não os imiteis, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçais.

9 “Eis como deveis rezar: **PAI NÓS-SO, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; 10 venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. 11 O pão nosso de cada dia nos dai hoje; 12 perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; 13 e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. 14** Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará. **15** Mas, se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará.

16 “Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas, que mostram um semblante abatido para manifestar aos homens que jejuam. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa. **17** Quando jejuardes, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto. **18** Assim, não parecerá aos homens que jejuas, mas somente a tu Pai que está presente ao oculto; e tu Pai, que vê num lugar oculto, recomendar-te-á.”

Cap. 6 - 3. Não saiba, de tal modo deves guardar discrição em fazê-la.

11. De cada dia; poder-se-ia traduzir também: necessário à nossa subsistência.

12. Trad. lit.: perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

24. Riqueza, literalmente: Mamão; luxo, dinheiro.

27. Pode-se traduzir também: quem pode acrescentar um côvado à sua estatura? Como a mesma palavra grega designa estatura e duração de vida, é muito mais conforme ao sentido do contexto a tradução desta segunda maneira.

Tesouro do céu. Olho são

(= Lc 11,34ss)

19 “Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furam e roubam. **20** Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furam nem roubam. **21** Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração.

22 “O olho é a luz do corpo. Se teu olho é são, todo o teu corpo será iluminado. **23** Se teu olho estiver em mau estado, todo o teu corpo estará nas trevas. Se a luz que está em ti são trevas, quão espessas deverão ser as trevas!”

Preocupações exageradas

(= Lc 12,22-34)

24 “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro.

“Não podeis servir a Deus e à riqueza.* **25** Portanto, eis que vos digo: não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes? **26** Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam; nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas? **27** Qual de vós, por mais que se esforce, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida? **28** E por que vos inquietais com as vestes? Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalharam nem fiam. **29** Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão no auge de sua glória não se vestiu como um deles. **30** Se Deus veste assim a erva dos campos, que hoje cresce e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé? **31** Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com

que nos vestiremos? **32** São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. **33** Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo. **34** Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado.”

Diversos conselhos

(= Lc 6,31-46)

7 **1** “Não julgueis, e não sereis julgados. **2** Porque do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida com que tiverdes medido, também vós sereis medidos. **3** Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu? **4** Como ousas dizer a teu irmão: Deixa-me tirar a palha do teu olho, quando tens uma trave no teu? **5** Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e assim verás para tirar a palha do olho do teu irmão.

6 “Não lanceis aos cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as calcuem com os seus pés, e, voltando-se contra vós, vos despedaçem.

7 “Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e se vos será aberto. **8** Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á. **9** Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? **10** E, se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? **11** Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem. **12** “Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles. Esta é a lei e os profetas.*

13 “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduzem à perdição e numerosos são os que por aí entram.

14 “Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram.

15 “Guardai-vos dos falsos profetas. Eles vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores. **16** “Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos? **17** Toda árvore boa dá bons frutos; toda árvore má dá maus frutos. **18** Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, bons frutos. **19** Toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. **20** Pelos seus frutos os conhecereis.

21 “Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. **22** Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome, e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres? **23** E, no entanto, eu lhes direi: nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!”*

Conclusão do discurso

(= Lc 6,47ss)

24 “Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. **25** Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. **26** Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. **27** Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína.”

28 Quando Jesus terminou o discurso, a multidão ficou impressionada com a sua doutrina. **29** Com efeito, ele a ensinava como quem tinha autoridade e não como os seus escribas.

Cap. 7 - 12. A lei e os profetas: as duas partes principais da Escritura, e por extensão todo o Antigo Testamento.

22. Naquela dia: no dia do julgamento.

23. Subentendido: “porque, fazendo todas estas coisas santas, não levasdes uma vida irrepreensível”.